

Meus Desassossegos acerca da Inteligência Humana: O que Escrevi, mas Nunca Disse (Vivo Mensurando)

José Aparecido Da Silva*

Orcid.org/0000-0002-1852-369X

*Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Departamento de Psicologia e Educação,
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil*

Resumo

Os desassossegos acerca da inteligência humana abrangem uma vasta gama de questões filosóficas, éticas e existenciais, que vão desde a própria natureza da consciência até as implicações do desenvolvimento da inteligência artificial (IA). De acordo com seus especialistas, “Se alguma coisa existe, ela existe em alguma quantidade. Se ela existe em alguma quantidade, então ela é capaz de ser mensurada”. Este trabalho apresenta o conteúdo da conferência ministrada pelo autor, na qualidade de homenageado, na XV Reunião Anual do IBNeC, realizada de 26 a 28 de novembro de 2025, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife/PE.

Palavras-chave: Inteligência, capital cognitivo, desempenho acadêmico, epidemiologia cognitiva, psicometria, diferenças individuais, elite cognitiva, mensuração psicológica

My Concerns about Human Intelligence: What I Wrote but Never Said (I live measuring)

Abstract

The concerns surrounding human intelligence encompass a vast range of philosophical, ethical, and existential questions, from the very nature of consciousness to the implications of the development of artificial intelligence (AI). According to experts, “If something exists, it exists in some quantity. If it exists in some quantity, then it is measurable.” This work presents the content of the lecture given by the

* Correspondência: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Avenida Bandeirantes, 3900, CEP 14040-900, Monte Alegre, Ribeirão Preto, SP, Brasil. E-mail: jadsilva@ffclrp.usp.br.

Este trabalho é uma reprodução da conferência proferida pelo autor na XV Reunião Anual do Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento (IBNeC), realizada em Recife, PE, Brasil, 2025.

Agradecimentos: Dedico esta apresentação à Comissão Organizadora do IBNeC - Recife, 2025, um dos maiores eventos formadores de jovens cientistas na área de Psicologia no Brasil.

author, as the honoree, at the XV Annual Meeting of IBNeC, held from November 26 to 28, 2025, at the Catholic University of Pernambuco (UNICAP), in Recife/PE.

Keywords: Intelligence, cognitive capital, academic performance, cognitive epidemiology, psychometrics, individual differences, cognitive elite, psychological measurement

Mis Inquietudes sobre la Inteligencia Humana: Lo que Escribí pero Nunca Dije (Vivo midiendo)

Resumen

Las inquietudes en torno a la inteligencia humana abarcan una amplia gama de cuestiones filosóficas, éticas y existenciales, desde la naturaleza misma de la consciencia hasta las implicaciones del desarrollo de la inteligencia artificial (IA). Según los expertos, «Si algo existe, existe en cierta cantidad. Si existe en cierta cantidad, entonces es medible». Esta obra presenta el contenido de la conferencia impartida por el autor, como homenajeado, en la XV Reunión Anual del IBNeC, celebrada del 26 al 28 de noviembre de 2025 en la Universidad Católica de Pernambuco (UNICAP), en Recife/PE.

Palabras clave: Inteligencia, capital cognitivo, rendimiento académico, epidemiología cognitiva, psicometría, diferencias individuales, élite cognitiva, medición psicológica

Este texto apresenta o conteúdo explanado como Conferência Magna ministrada na abertura na XV Reunião Anual do Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento (IBNeC), Recife-PE de 26 a 29 de novembro de 2025. Francisco Cardoso, grande amigo do outro lado do Atlântico, atuante na Universidade de Trás-os-Montes, afirmou, no prefácio de um dos meus últimos livros “*Sob o Olhar da Inteligência*”, que eu, desde há muito, me apaixonei pela inteligência humana e não mais fui capaz de me desapaixonar. Posteriormente, várias outras publicações sobre essa vivaz temática vieram a sustentar que essa paixão se tornou um amor verdadeiro, para não dizer um profundo amor romântico. Ademais, alhures também, ele, destacou que muitas outras de minhas obras substantivam uma outra preocupação, que também tem a sua história, agora de veio social, conduzindo os meus olhares, e pensamentos, a uma visão das implicações sociais e políticas da ciência Psicologia, tendo o tema da inteligência como denominador comum. Talvez, por isso, eu deveria ter intitulado aquele livro não como “*Sob o Olhar da Inteligência*”, mas, sim, como “O meu mun-

do sob o olhar da Inteligência”, embora os olhos e os olhares sejam os mesmos, ainda que hoje, entretanto, mais envelhecidos.

Bondosamente, como sempre tem sido comigo, Dr. Francisco Cardoso comenta que configuro grandes temas, dentre os quais se destacam: mensuração da inteligência, onde interrogo e levo o leitor a uma resposta; modificabilidade da inteligência, tema muito importante para a educação e escolarização, que se refere ao seu enriquecimento e à multiplicidade de modalidades de ser e de se afirmar da inteligência; e a importância da instrução escolar e do(a) professor(a). Acrescenta ele que, sob uma atenta atualidade, eu reflito também sobre o mundo de hoje, abordando a inteligência na sociedade moderna, caracterizada por grande multiplicidade tecnológica e de questões muito sensíveis como as de ordem genética e do ambiente; além de outros temas, não menos relevantes, que hoje, neste dia de grande graça para mim, prometo abordar, sem que isso lhes traga qualquer constrangimento.

Quero, de imediato, lembrar que ciência é sempre um evento coletivo, ainda que muitas

descobertas do passado tenham sido originadas em humildes laboratórios, liderados por um cientista só, isolado e, muitas vezes, negado. Me lembrei de Galileu Galilei e sua epopeia científica. Hoje, quando olho o Universo e seus mistérios através das lentes (telescópio) de Galileu, sei bem que vejo a Capela Sistina da Era Científica. Ciência é testar hipóteses, me disse certa vez Dr. Graeff, um dos mais importantes neurocientistas deste mundo, com o qual tive o prazer de conviver parte da minha trajetória acadêmica. Vamos, então, ao que tenho a falar.

Homero, na *“Odisseia”*, afirmou que “os deuses não deram a todos os homens o talento da graça... nem boa aparência, nem inteligência e nem eloquência”. Shakespeare, na *“Comédia dos Erros”*, ironizou que “muitos homens têm mais cabelo que cérebro”. Homero e Shakespeare viveram em períodos muito diferentes, mais do que dois mil anos separados. Entretanto, ambos captaram a mesma ideia: nós não somos todos igualmente inteligentes. Todavia, nós não podemos, simplesmente, categorizar as pessoas em “inteligentes” e em pessoas “nem tão inteligentes”. Homero observou que poucas pessoas têm grandes talentos. Shakespeare, mais sarcasticamente, que uma grande parcela de nós não consegue solucionar problemas de forma satisfatória. A maioria de nós se situa entre o desejo de Homero pela eloquência e a preocupação de Shakespeare sobre falta de cérebro.

De fato, longe de serem espelhos um do outro, os campos da incapacidade cognitiva e do talento têm algumas características em comum, mas divergem marcadamente em outros. Os problemas em ambos os campos variam dos teóricos aos práticos, trazendo consigo muitas controvérsias, algumas delas altamente politizadas. Realmente, é difícil encontrar, neste cenário, quaisquer outros tópicos que fomentem tanta emoção ou produzam tanta adrenalina quanto aqueles envolvendo deficiência cognitiva e talento, os dois lados da curva da inteligência.

Indivíduos que são cognitivamente deficientes ou talentosos compartilham os limites incendiários do desvio da norma, tanto do ponto

de vista evolutivo quanto do ponto de vista educativo. Em termos de habilidade mental, como operacionalizada pelos testes de inteligência, desempenhos que são, aproximadamente, dois desvios padrão da média (isto é, QI de 70-75 ou menor, ou, QI de 125-130 ou maior) são elementos-chave na identificação. Sucesso nas tarefas da vida, ou sua ausência, também desempenha um papel crucial, mas a característica definidora principal para os grupos com incapacidade cognitiva e os talentosos é o desvio intelectual.

Curioso e jovem há mais tempo, tenho, talvez por isso, mais e muitos desassossegos: inquieto-me com a complexidade da capacidade de conhecer humana, da inteligência que ela envolve e das dificuldades que as pessoas demonstram por alcançar o conhecimento das coisas. Para esclarecer melhor um desses desassossegos, agora relacionado com a educação, peço-lhes permissão para, como prólogo, relembrá-los de um conto de Machado de Assis, intitulado: “Conto de Escola”. Por que este conto? Para contextualizar a realidade escolar de determinado tempo e nela mostrar como alguns tipos de busca por conhecimento se apresentam em nosso cotidiano. Esse conto tem foco narrativo em primeira pessoa, e narra um fato que se passa numa escola do Rio de Janeiro, em 1840.

Ao longo do texto, o narrador relembra sua infância e um episódio envolvendo a relação entre dois colegas de classe: Pilar e Raimundo. Raimundo, filho do professor Policarpo, tinha dificuldades na escola e, em troca de uma moeda de prata, pede a Pilar que o ajude com a lição. Pilar aceita, mas um colega, Curvelo, testemunha a cena e a delata. O professor, ao descobrir a situação, castiga os dois alunos, e Pilar, arrependido, decide que o melhor é não ir à escola. Do conto, depreendem-se, a meu ver, algumas mensagens: três são os agentes num contexto educacional: o mestre, a escola e os estudantes. Mas, todos, por alguma razão ou outra, desde os tempos históricos, desde Homero, desde Shakespeare, desde os tempos de Machado Assis, omitem as diferenças individuais, no caso diferenças de inteligência,

as quais permeiam qualquer que seja o processo de ensinagem.

De modo similar, diferenças individuais na inteligência constituem a metáfora O Elefante na sala de aula, ou seja, é um problema, ou questão óbvia, que todos veem, mas que ninguém quer discutir abertamente devido a algum desconforto ou receio. Inteligência é sempre um pária. Ou seja, um tema sempre excluído, marginalizado ou rejeitado pela sociedade, ou por um grupo específico, por evidenciar como as pessoas são diferentes e não se encaixam nos padrões ou normas estabelecidos.

A segunda mensagem que emerge do conto é a já longa mercantilização do conhecimento (em pequena escala naquela época) e que hoje alcança os 4 quadrantes da nação. No conto, Raimundo pagou a Pilar, seu amigo mais inteligente, com uma moedinha, para lhe ensinar a lição que sua habilidade não podia desempenhar. Mas uma realidade é evidente a todos: nunca houve tanto conhecimento acessível e, contraditoriamente, nunca se quis aprender tão pouco.

A última mensagem é enraizada na psicologia moral. Na escola, para além das habilidades cognitivas fundamentais para o sucesso escolar, e na vida, aprendemos também as habilidades socioemocionais, tais como, a virtude, a honestidade, o moralismo e muitas outras habilidades não cognitivas associadas. São tantas que chego a vê-las em todos os lugares pelos quais passo ou sonho. Talvez, como quis nos dizer Machado, somos nascidos para a moralidade.

Ao final do conto, Machado nos relata que o narrador, aluno Pilar, sem ressentimento na alma, recebeu de seus dois colegas mais chegados, Raimundo e Curvelo, porém dentro da escola, o primeiro conhecimento, um da corrupção (seu amigo lhe pagou às escondidas por uma lição), outro da delação (delata ao mestre a ação sublime de ensinar às escondidas). Ou seja, recebeu a vida como ela é. Informação, esta, que também encontramos em “*O Ateneu*”, de Raul Pompéia. Nesta obra, registra o narrador: “*Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta*”.

Para finalizar este ato inicial, deixo uma questão que me persegue desde os tempos em que eu era moço, e tinha poucos anos na algebreria: Qual a magnitude da influência da educação, da escola e dos estudantes no sucesso educacional e nos variados desfechos da vida? Pensar a educação, a escola e o estudante é um dos desafios mais interessantes e necessários no século XXI. Luiz Cláudio Costa, ex-reitor da Universidade Federal de Viçosa, ex-presidente do FINEP, num fantástico texto publicado em 24 de novembro de 2025 na *Folha de São Paulo*, avança a hipótese de que a Universidade como a conhecemos vai acabar (e isso é uma boa notícia). Seus argumentos, em essência, endossam que a inteligência é a habilidade para lidar com a complexidade e a habilidade para aprender sozinho. Mais adiante, farei uma abordagem destes dois conceitos.

Retornando. Por razões históricas, e políticas, a identificação de um traço quantitativo, qualquer que seja ele, particularmente inteligência, ou habilidade cognitiva, é altamente controversa. Este é o caso da inteligência geral (g), que tem uma distribuição normal na população, variando desde uma extremidade inferior, que inclui indivíduos com dificuldades cognitivas, até uma extremidade superior, que inclui indivíduos talentosos.

Diversas medidas de habilidades cognitivas, tais como, habilidade espacial, habilidade verbal, velocidade de processamento de informação e memória, correlacionam-se, substancialmente, uma com a outra, e a inteligência geral (g) é o que essas diversas medidas têm em comum. Este fator comum explica, aproximadamente, 40% da variância entre tais testes de habilidades. Até mesmo em Fernando Pessoa, quando passando rapidamente por suas prosas, encontramos fundamentos de algumas formas de inteligência, a saber, Inteligência Filosófica, Inteligência Científica e Inteligência Crítica. Com o rigor que a análise objetiva nos permite fazer, avançamos a hipótese de Pessoa ter sido, talvez, o precursor das inteligências múltiplas. É a natureza humana revelada por um poeta, o

qual, melhor que qualquer cientista, refletiu as facetas cognitivas, afetivas e emocionais dos seres humanos.

Suponho que todos saibam que a inteligência geral é mais bem capturada por uma técnica chamada análise fatorial, em que um escore composto é criado representando o que as diversas medidas de habilidade cognitiva têm em comum. Esse escore composto pondera cada teste a partir de sua correlação com os outros testes. Embora “g” seja uma definição de inteligência, inteligência tem muitas outras conotações, de tal forma que tem sido sugerido evitar o uso da palavra inteligência na discussão científica. Os testes de inteligência, tais como aqueles usualmente ministrados, que são amplamente utilizados para propósitos clínicos, capturam muitas das habilidades previamente mencionadas. Mas, estes mesmos testes ponderam, igualmente, cada subteste que mede tais habilidades específicas, somando seus respectivos escores para criar um escore composto, geral, conhecido como QI, cuja média é 100 e o desvio padrão é 15.

O QI é uma mistura de escores, enquanto “g” é o fator comum entre um grande número de diversos testes cognitivos. Não obstante, os escores de QI correlacionam-se altamente ($r = 0,80$) com os escores de “g” derivados da análise fatorial. Portanto, “g” é o elemento comum e essencial da inteligência, isto é, a espinha dorsal de todos os testes mentais. Este fator “g” é uma das medidas mais confiáveis e válidas na ciência do comportamento. Além de ser um dos traços comportamentais mais estáveis após a infância e prever importantes resultados sociais, tais como, os níveis ocupacionais e educacionais. O que faz de “g” um dos traços comportamentais que mais sofre influência genética. Em adição, os escores de “g” correlacionam-se fortemente com outros processos biológicos e psicológicos. Apesar disso, as maiores implicações sociais e científicas para a sociedade será identificar os genes associados a “g”. Mas, certamente, a maior implicação recairá no domínio da educação, pois, a identificação e a ponderação das influências genéticas e ambientais no processo de ensino-

aprendizagem poderão mudar toda uma conduta do professor em sala de aula.

Escrevi três livros sobre a problemática, o grande debate que grassa a psicologia desde os seus primórdios e acredito que tenho avançado em muitas ideias, mas sempre clamando por uma educação mais realista. Grito de alto e bom som, ainda que saiba que raramente sou ouvido: Abaixo o Romantismo Educacional!

Desde os tempos de Binet, 120 anos atrás, o estudo da inteligência humana tem tido uma profícua, rica, contínua e interessante história e, mesmo no contexto da história da Psicologia, os debates mais intensos, e mais complexos, que a envolveram foram, quase que invariavelmente, centrados na definição, estrutura e mensuração da inteligência. O problema com a palavra inteligência é que ela significa diferentes coisas para diferentes pessoas.

Há vasta literatura indicando que a escola não produz um nivelamento dos alunos. As diferenças que separam os alunos não são eliminadas à medida que se avança no processo educacional; ao contrário, frequentemente, estas diferenças aumentam. Contrariamente ao que a maioria das pessoas acredita, a educação, sozinha, não equipara os alunos. Assim, é importante considerar em que direção essas diferenças aumentam e o que significa a educação não tornar os alunos iguais. Portanto, as diferenças de inteligência não são resultantes das diferenças de escolaridade. Ao contrário, as diferenças escolares resultam das diferenças de inteligência.

Mas, afinal, por que definir e mensurar inteligência são ações importantes? É simples. O debate sobre a inteligência e a sua mensuração focaliza a questão de se é útil, ou significativo, avaliar as pessoas em função de uma simples e única dimensão de competência cognitiva. Não importa a forma ou o conteúdo, os testes de habilidades mentais invariavelmente apontam a existência de um fator global que permeia todos os aspectos da cognição. E este fator parece ter considerável influência sobre as qualidades práticas da vida de uma pessoa. Inteligência, como mensurada pelos testes de QI, é o mais

conhecido, o mais simples, o melhor e o mais eficiente preditor do desempenho individual na escola e no trabalho. Ela também prediz muitos outros aspectos do bem-estar subjetivo, incluindo o sucesso econômico, a evasão escolar, o ficar desempregado, a prevenção de doenças e até a longevidade. Importante: QI é um conceito estatístico, coletivo. Não pode ser entendido fora deste contexto.

Fala-se de alto e bom som sobre Inteligência Artificial, SuperInteligência, Inteligência Aumentada, Inteligência Socioemocional, Inteligência Adaptativa e, volta e meia, outras tantas teimam em tomar seus respectivos lugares. Mas, como sempre, dados e sempre dados, e não crenças e achismos, têm cada vez mais mostrado que inteligência, mensurada como QI, é determinante de muitos importantes fenômenos sociais, incluindo desempenho educacional, renda, status socioeconômico, crime e saúde. Há muitos nexos entre os escores de inteligência e os indicadores dos desfechos de vida, quaisquer que sejam eles. Você nomeia. Importante é que o valor explanatório da inteligência, estabelecido para indivíduos, também pode ser ampliado para explicar as diferenças entre grupos encontradas em outras ciências sociais. Por esta razão, há inúmeros estudos revelando o valor explanatório das diferenças de QI para um vasto número de fenômenos econômico-educacionais, cognitivos, político-demográficos, sociológicos, climáticos e geográficos. Em termos estatísticos, diferenças na inteligência explicam proporções substanciais da variância em grande número de fenômenos sociais entre indivíduos, bem como, nesses fenômenos entre nações.

Guardadas as proporções, às Ciências Sociais têm faltado um construto unificador similar à Física. Suas disciplinas, incluindo Psicologia, Economia, Sociologia, Criminologia, Antropologia, Ciência Política, Demografia e Epidemiologia são substancialmente isoladas umas das outras, cada qual com seu vocabulário e construto teórico. Psicologia pode ser considerada a mais básica das Ciências Sociais, pois ela se preocupa, principalmente, com diferenças entre

indivíduos, enquanto as demais, com diferenças entre grupos, tais como, classes socioeconômicas, populações étnico-raciais, nações e regiões dentro destas. Considerando que esses grupos são agregados de indivíduos, as leis que têm sido estabelecidas em Psicologia poderiam ser estendidas aos fenômenos de grupos estudados pelas demais Ciências Sociais. Portanto, Psicologia é potencialmente a rainha das Ciências Sociais, posição análoga à Física. Tal primazia justifica analisar com profundidade o papel da inteligência nas sociedades modernas.

O século XXI está abrindo um mundo no qual a habilidade cognitiva é a força divisória decisiva. A classe social permanece o veículo da vida social, mas a inteligência, agora, é o que puxa o trem. A estratificação cognitiva toma diferentes formas no topo e na base da escala da inteligência. As sociedades modernas identificam os jovens mais brilhantes e guia-os com crescente eficiência por canais educacionais e ocupacionais estreitos, os quais são progressivamente influentes e lucrativos, levando ao desenvolvimento de um segmento distinto na hierarquia social, que pode ser rotulada Elite Cognitiva.

Em Inteligência como habilidade para lidar com a complexidade, a quantidade de manipulação mental que as tarefas requerem, tais como, contrastar, abstrair, inferir, encontrar similaridades e diferenças salientes, e qualquer outra coisa que faça a mente de alguém “funcionar” para realizar uma dada tarefa mental, é o ingrediente ativo nos testes que revelam inteligência. As pessoas que escorem mais alto em testes de QI são aquelas que lidam muito melhor com a complexidade e, portanto, são mais hábeis em entender, e efetivamente resolver, desafios mentais mais complexos.

Em Inteligência como a habilidade para aprender, processar, suficientemente bem, uma nova informação para melhor entendê-la, relembrá-la e efetivamente usá-la, ocorre, comumente, nos contextos da educação e do treinamento. É, na prática, desde aprender a usar um novo equipamento (por exemplo, um aplicativo, uma IA, ou outro de sua escolha) até aprender os sutis

sentimentos e as emoções de um amigo ou da pessoa amada.

Em Inteligência como a habilidade para evitar erros cognitivos comuns, inteligência retoma a noção de que todas as pessoas cometem erros cognitivos, mas aquelas pessoas mais brilhantes cometem pouco deles em situações comparáveis, uma vez que aprendem de forma mais rápida e completa, cometendo poucos erros de julgamentos em situações novas e inesperadas.

Essas três definições práticas e cotidianas da inteligência fornecem, de modo geral, um sentido intuitivo do que significa ser mais inteligente *versus* ser menos inteligente. Estudiosos do assunto, entretanto, procuram entender as diferenças em inteligência em seu sentido mais fundamental, abaixo da superfície das observações cotidianas, adotando uma nova definição funcional, operacional, de inteligência.

Finalmente, cumpre comentar sobre a Epidemiologia Cognitiva e os avanços tecnológicos na área da inteligência humana. Epidemiologia Cognitiva é um campo promissor, digamos *Hot Field*, na era das inteligências. Diferentemente da psicomетria, que focaliza as diferenças individuais nos tratamentos e resultados, a pesquisa epidemiológica se ocupa em conhecer as patologias que mais acometem a população. Em geral, as taxas de incidência e prevalência das variadas doenças de alto risco revelam fatores responsáveis tanto por seu contágio, quanto por sua dispersão na população. Sendo alguns destes comportamentais, como, por exemplos, na epidemia por AIDS, nos cuidados com a Pressão Arterial, Diabetes, Asma e com as variadas doenças crônicas, e suas práticas cognitivamente errôneas colocam o indivíduo em caminhos perigosos. Tal descoberta, portanto, conchama intervenções mais eficazes, que coloquem em prática medidas preventivas, baseadas em comportamentos específicos.

Estudos realizados dentro deste contexto têm revelado que educação e posição socioeconômica, por exemplo, baseadas no emprego da própria pessoa, ou mesmo de seus pais, são relacionadas à mortalidade e morbidade e ambas são

fortemente relacionadas ao QI. Sendo assim, por que ninguém mencionou o QI, estimado no início da vida, como um possível correlato de mortalidade? Cientificamente, há possibilidade, teórica e experimental, de se introduzir diferenças em inteligência como um dos possíveis correlatos de mortalidade, assim como, de se compreender a epidemiologia das doenças crônicas através de tal viés. Tal introdução possibilitaria, em especial, analisar o papel das diferenças cognitivas em importantes resultados sociais e de saúde. De outro lado, quero confessar a todos, e me penitencio por, ter usado muito pouco o conhecimento psicológico para dirimir as desigualdades que assolam o mundo e em especial o Brasil.

Evidências têm demonstrado que a realização tecnológica é uma função do QI acima da média dos habitantes de suas respectivas nações, ou seja, mostram que a capacidade tecnológica de uma nação é relacionada ao QI nacional. Logo, nações com uma percentagem mais elevada de indivíduos de alto QI geram mais conhecimento tecnológico, como mensurado pela quantidade de patentes registradas por habitantes, do que outras nações. Não obstante, também o avanço tecnológico medeia a relação entre o QI nacional e o Produto Doméstico Bruto (PDB) per-capita, sugerindo que nações com indivíduos com QI mais elevado são mais ricas porque elas têm mais sucesso em gerar conhecimento tecnológico.

Logo, o melhor desafio de qualquer política pública educacional é informar aos pais de sua posição, única e privilegiada, de agentes maximizadores do QI filial e motivá-los a melhorar os fatores de riscos da melhor maneira possível. Este desafio, portanto, repousa no seguinte alicerce teórico: é preciso atuar para maximizar. Ser família para ser melhor. Eis a lição.

Não poderia deixar passar ao largo as diferentes concepções culturais acerca da inteligência. Concepções de inteligência variam amplamente entre culturas, em várias delas as dimensões sociais, afetivas, emocionais e até as ações para a preservação da própria espécie são muito valorizadas. Às vezes, algumas delas não

fazem diferença entre inteligência, resiliência e sabedoria. Em outras palavras, algumas delas não diferenciam a Resiliência de Jó, a Sabedoria de Salomão e a Inteligência de José do Egito, magistralmente descritas e ilustradas naquele que considero o maior e mais profundo dos manuais de Psicologia: As Escrituras Bíblicas.

Mesmo nos Estados Unidos, onde o império da ciência da inteligência e, também, da dor, muito mais prosperam, não há uma única concepção de inteligência. Vários grupos étnicos na Califórnia têm diferentes ideias acerca da inteligência. Por exemplo, pais de estudantes latinos enfatizam a importância das habilidades e competências sociais, enquanto os pais Asiáticos e Anglicanos enfatizam a significância das habilidades cognitivas. Professores, de origem anglicana, também destacam habilidades cognitivas mais competência social. Assim considerando, estas concepções variadas revelam teorias implícitas de inteligência que parecem estenderem-se além da convencional inteligência psicométrica que os testes medem a qual eu teimo aqui destacar, embora saiba que todas sejam importantes e, talvez, a ponderação de cada uma delas possa variar ao longo da época. E, também, os estudiosos da inteligência enfatizam uma, duas, três ou variados tipos de inteligência. Mas, todos sabem que, qualquer coisa que seja ela, ela importa e faz a diferença no viver e nos seus desfechos, quer queira ou não.

Muitos avanços ocorreram na mensuração da inteligência geral (g) desde os tempos de Spearman, desde 1904. Sim, o mesmo Charles Spearman da correlação de ordem, conhecida como rho. Sofisticações matemáticas têm melhorado os métodos para extrair 'g' de qualquer bateria de testes. Todavia, a despeito disso, o conceito de 'g' não tem mudado significativamente desde os tempos de Spearman. Inteligência 'g' simplesmente sumaria a relação positiva entre testes mentais, exatamente como a gravidade condensa as forças atrativas entre objetos. Novamente, há uma nítida similaridade entre inteligência geral e gravidade. Em outras palavras, conceitos existem independentes da mate-

mática que os define. A matemática ajuda-nos a definir o conceito e, também, a comunicá-lo.

Outro argumento comumente levantado contra a inteligência geral (g) é que ela é um artifício estatístico, ou seja, pode ser demonstrada estatisticamente, ainda que não tenha realidade existencial. A mesma coisa pode ser dita sobre a gravidade. É improvável que alguém possa mostrar uma jarra de gravidade. Embora tenha havido algumas sugestões indicando que a gravidade é uma substância, a maioria das teorias correntes não comunga com tal conjectura. Obviamente, é importante se uma coisa existe ou não. Há muitos úteis constructos científicos que não existem como uma coisa. Há vários exemplos na ciência de buscas para coisas que não têm realidade existencial. Embora tais buscas possam complicar o curso da ciência, elas não invalidam um constructo. Todavia, mesmo se 'g' fosse apenas demonstrado estatisticamente, ele ainda seria um constructo científico legítimo e útil. Legitimidade científica é determinada na medida em que o constructo fornece explicações para os fenômenos observados.

Em face do rápido progresso nas ciências, de modo geral, certamente será possível, a curto prazo, demonstrar, com maior confiabilidade, tais similaridades. Que a Ciência, em ambos os casos, ganhe com isso, e que tanto a comunidade científica, quanto a geral, assimilem melhor tal aproximação, desfazendo-se a disputa que, então, se estabelece.

Para finalizar, cabe aqui contar-lhes uma lenda. A lenda sobre um Rei que recebeu um mensageiro de terras muito distantes. O mensageiro trouxe a notícia de que a filha favorita do Rei estava prestes a se casar com o filho de um de seus mais antigos e odiados inimigos. O Rei ficou tão furioso que, num único golpe, matou o mensageiro. Após os seus guardas removerem o corpo, o Rei percebeu seu horror, e petrificado, constatou que o mensageiro era sua filha disfarçada. Tardamente ele entendeu que ela se disfarçou na esperança de prepará-lo e diminuir sua reação raivosa de modo que ela poderia eventualmente se reconciliar e fazê-lo aceitar o seu

casamento e receber suas bênçãos – pois ambos se amavam profundamente. Qual a moral desta lenda? Que não devemos matar o mensageiro. Não é porque você não gosta da temperatura, que deve quebrar o termômetro

No Evangelho de São Lucas cap 12., vers. 27, encontramos “observem como crescem os lírios” (observem como proliferam os constructos psicológicos na grande psicologia). “Eles não trabalham nem fiam” (são construídos a partir de nossas ideias, nossas observações, nossos experimentos). “Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles” (nunca houve um constructo tão

unificador quanto aquele da inteligência humana) ...” Busquem, pois, o Reino da Psicologia, e os mistérios da inteligência lhe serão sabiamente revelados...”

Devo terminar deixando esta mensagem final, citando Galileu: “Se Deus nos deu a inteligência por qual razão quereria tirá-la de nós”. Eu lhes respondo: nenhuma. Muito obrigado.

Editor Associado: William Barbosa Gomes

Recebido: 15/12/2025

Aceite final: 19/12/2025

Apêndice

Leituras Sugeridas

- Da Silva, J. A. (2006). *Inteligência humana: Abordagens biológicas e cognitivas*. Editora Lovise; FAPESP.
- Da Silva, J. A. (2007). *Inteligência para o sucesso pessoal e profissional*. Funpec-Editora.
- Da Silva, J. A. (2009). *A fraude educacional brasileira*. Funpec-Editora.
- Da Silva, J. A. (2010). *Inteligência: Resultado da genética, do ambiente ou de ambos*. Editora Lovise; FAPESP.
- Da Silva, J. A. (2018). *Inteligência humana e suas implicações*. Escrita Livros.
- Da Silva, J. A., & Dos Santos, R. C. (2022). *O que todo educador deve saber*. Escrita Livros.
- Da Silva, J. A., & Dos Santos, R. C. (2023). *Os desafios de estudar comportamentos humanos complexos*. Escrita Livros.
- Da Silva, J. A., Martins, P. R., & Costa, T. M. (2025). *Inteligência e seus descontentes*. Editora Lugar de Fala.
- Da Silva, J.A. (2020). *Sob o olhar da inteligência*. Escrita Livros.
- Santos, R. C. dos, Oliveira, M. A., & Ferreira, L. S. (2025). *Educação, escolas e estudantes: Para qual lado os sinos doam?* Editora Lugar de Fala.



O(s) autor(es), 2026. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.